

129
145

Provas enviadas à Censura em

19 de 4 de 1966

**Em Castelo, Branco per secula
seculorum...**

Ref. Abril

Estamos aqui hoje, como estaríamos ontem e como poderíamos estar amanhã, numa constância de ideais que os tempos não podem mudar e se há cidade em que mais profusamente os tempos se encontrem ela é Castelo Branco. Os documentos e monumentos pré-históricos atestam do homem a presença desde as mais remotas idades.

*Capitão Soares da Cunha, 17-7-65,
«Arquivos da U. N.».*

«O orgulho de todos nós»

Em V. Ex.ª quero saudar ainda o Senhor Presidente da Comissão Central da União Nacional, Senhor Professor Doutor Oliveira Salazar, esse homem medieval, orgulho de todos nós e inveja de estranhos, aos quais, por vezes, mais parece doer os triunfos de Salazar por Portugal do que os próprios fracassos de que não sabem libertar-se.

*Dv. José Gonçalves de Araújo Novo,
6-7-65, «Arquivos da U. N.».*

**Não se deve ensinar aquilo com que se
discorda... ou a apologia do fim da História**

As soluções parciais conduzem, por exemplo, à possibilidade infelizmente verificada de um mesmo aluno no mesmo estabelecimento de ensino aprender na aula moral, a doutrina de Cristo e na aula de filosofia a doutrina de Marx.

*Deputado Braamcamp Sobral,
«O Primeiro de Janeiro», 110-3-66.*

Desejo ardente

Os pioneiros da revolução, que pela força da ronda implacável do tempo, vão pouco a



SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) CORTADO

Ref. ~~Albira~~

pouco sendo rendidos nos postos que ocupam no tablado das actividades nacionais, sentem mais do que ninguém a urgência e o alcance de o fazer.

O que mais ardentemente desejamos é adquirirmos a convicção e a certeza de que o regime perdurará para além da sua ausência.

«O Primeiro de Janeiro», 11-3-66.

Fase de expansão

Em conformidade com a autorização ministerial concedida em Dezembro de 1965, celebrou-se ontem a escritura pública de aumento de capital social da Angol—Sociedade de Lubrificantes e Combustíveis, S.A.R.L., com sede em Luanda. O capital foi elevado de 70 000 para 120 000 contos.

O acto, celebrado nas notas de 13.º cartório notarial de Lisboa, a cargo do Dr. Gama Vieira, foi outorgado por todos os membros do Conselho de Administração, a que preside a Sacor.

Com a concretização deste aumento de capital, vai a «Angol» entrar em nova fase de expansão como distribuidora dos combustíveis e lubrificantes Sacor na província de Angola. Para além de um significativo alargamento da rede de distribuição de combustíveis líquidos e de gás, já iniciado, a «Angol» tem em estudo o reapetrechamento das suas importantes instalações de armazenagem a granel de produtos petrolíferos. Os investimentos realizados pela «Angol» na província ultrapassam já os 200 000 contos.

«O Primeiro de Janeiro», 11-3-66.

Primus inter pares, com veneração...

Inicialmente usou da palavra o sr. dr. Carlos Valle para aludir ao interesse da sessão e à amizade que une as duas nações. Depois, o sr. Cyrus Smith salientou que era a primeira vez que um adido de Informação da Africa do Sul, vinha ao Porto. Aludiu aos navegadores portugueses da era de quinhentos — Bartolomeu Dias e Vasco da Gama,



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

«O TEMPO E O MODO» N.º 37

Provas enviadas à Censura em

19 de 4 de 1966

Para o Infante D. Henrique teve palavras de muita veneração. Lamentou que não existisse em Lisboa uma estátua de Bartolomeu Dias, o segundo homem que se estuda na História da África do Sul.

Aludiu aos filmes a exhibir — «A África do Sul — Bastião do Sul» e «Sudoeste Africano — um desafio». Referiu a demanda no Tribunal Internacional de Haia, em que a Libéria e a Etiópia pretendiam que aquele território fosse autónomo.

Seguiu-se a exibição dos filmes coloridos.

«O Primeiro de Janeiro, 6-3-66.

Primus inter pares, com admiração...

A austeridade e o patriotismo do presidente Castelo Branco têm, com efeito, muito de semelhante e análogo com a formação moral e cívica do Presidente do Conselho português. Tais atitudes mais se assemelham em matéria de política económica e financeira. O que fez Salazar, logo que assumiu o poder, é o que faz hoje Castelo Branco: um esforço extraordinário para a recuperação da economia e das finanças nacionais.

Deputado brasileiro Rau de Góis,
«O Primeiro de Janeiro», 9-3-66.

Esses indesejáveis elementos que por maldade vivem em barracas...!

Uma rusga levada a cabo, ontem de madrugada, nos arredores do aeroporto, pela P. S. P., deu origem à detenção de 44 indivíduos, 24 dos quais ciganos. Todos eles suspeitos de vadiagem.

A operação visava expurgar a cidade de elementos tidos por indesejáveis, indivíduos que dormem em barracas na sua periferia e a invadem, mal o sol nasce, para garantirem a subsistência através de práticas condenadas pela lei.

«O Primeiro de Janeiro», 4-3-66.



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

19
Para estar a horas

4 6

Def. Abazil

Esquadrados tempos:

E no que tocava à «importância essencial das técnicas de informação», o prof. dr. Adriano Moreira salientou:

«Para além da importância primordial que tem a liberdade de pensar e exprimir o pensamento, define-se com autonomia gritante o direito de informar e ser informado com exactidão. É evidentemente contra o direito natural, ofender gravemente a dignidade da pessoa humana, encaminhar os homens para a acentação de todos os sacrifícios em função de imagens conscientemente deturpadas dos povos e dos factos. Já é suficientemente angustiante que as circunstâncias que rodeiam a luta política mundial, dentro e fora dos países, nos obriguem a viver num mundo que, para cada um de nós, é em grande parte confidencial. Se à confidencialidade for acrescida a informação conscientemente deturpada, mutilada ou omitida, em que mundo de fantasmas estamos condenados a viver?»

Depois, porém, o ex-ministro explicou que o ocidental anda: «Atento à importância do tempo, ainda de relógio na mão para estar a horas e, sobretudo, para não perder o momento exacto, talvez um dos sinais mais evidentes do seu permanente estado de alerta para todos os combates.»

E compreendemos melhor.

«O Primeiro de Janeiro», 4-3-66.

Contribuição para a sociologia da caridade

PROVA DE REDACÇÃO

(Texto para ser lido e comentado pelo Professor). — (Tempo: 45 minutos)

Foi, certo dia, um médico visitar um doente e encontrou tanto pobreza que ficou impressionado. Não só era o chefe de uma numerosa família que se encontrava doente, como ainda não tinha dinheiro para se tratar, comprar comida ou roupas. Assim



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

«O TEMPO E O MODO» N.º 37

Provas enviadas à Censura em

19. de 4 de 1966

Ref. Abel



viviam miseravelmente. Esse medico, homem rico, chegando a casa disse à esposa:

— Vê se arranjas algumas roupas e comida. Venho de visitar um doente e estou deveras impressionado.

E contou-lhe o que se tinha passado.

Então essa mulher, alma boa e caridosa, foi à cama das suas criadas e tirou a roupa que lá estava. Embrulhou-a e pegando nela e em provisões alimentares, foi a casa dessa pobre familia. Quando regressou pensou na compra de novos cobertores que teria de fazer. Nada disso foi preciso, pois, ao chegar a casa entregaram-lhe um pacote que alguém lhe havia enviado e que trazia três magníficos cobertores, o melhor que há no mercado. Deus tinha pago com juros a generosidade de uma alma.

De um ponto escrito para alunos de uma escola primária.

A sociologia de publicidade ou emigração de luxo...

Se vai emigrar...

...você pela

TAP

«A Voz de Loulé», 22-3-66.

O ágio do dinheiro

Todos falam em emigrar, todos sentem a necessidade de fugir para países em que o ágio do dinheiro, por mais forte, representa maior soma de escudos na remuneração do trabalho braçal.

Este fenómeno que tem atingido proporções fantásticas no nosso concelho, trás consequências desastrosas em muitos casos.

«A Voz de Loulé», 22-3-66.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
**AUTORIZADO
COM
CORTES**

«O TEMPO E O MODO» N.º 37

Exemplares enviadas à Comissão em

19 4 de 1966

Ref. Albers



Primum Inter pares, com consideração...

Apesar da remodelação fiscal levada a cabo é certo que a pressão fiscal global em Portugal é ainda de longe— salvo, talvez, a Espanha, a Grécia e a Turquia — a mais baixa da Europa Ocidental. Na realidade países há como a Áustria, a França, a Alemanha, a Noruega, a Suécia, por exemplo, em que ela sensivelmente se mede pelo dobro da nossa.

Governador do Banco de Fomento Nacional,
Prof. Daniel Barbosa, R.T.P., 27-1-66.

Fase de expansão — 2

Por decreto n.º 48 876, de 19-2-66 foi autorizado o ministro do Ultramar a assinar com a «Esso Exploration Guiné Inc.» um contrato de concessão para pesquisa e exploração de hidrocarbonetos na província da Guiné.

No preâmbulo deste diploma esclarece-se que o decreto n.º 46 796, de 29-12-65, autorizou o ministro do Ultramar a renovar o contrato para pesquisa e exploração de hidrocarbonetos na província da Guiné, assinado em 8 de Abril de 1958 com a «Esso Exploration Guiné Inc.» e autorizado pelo decreto n.º 41 537, de 28 de evereiro de 1958.

Boletim mensal do Banco de Fomento Nacional, 2-66.

Fase de expansão — 3

Por despacho dos ministros das Finanças e do Ultramar, foi autorizado o Banco Pinto & Sotto Mayor, S.A.R.L., a abrir dependências em Moçambique, em Lourenço Marques, Beira, Vila Pery, Nampula e Nacala.

A dependência de Lourenço Marques, que será considerada estabelecimento principal na província, deverá ser afecto um capital de 50 000 000\$00; além disso, o estabelecimento principal de Lourenço Marques será dotado com mais 20 000 000\$00, sendo 10 000 000\$00 a atribuir à dependência da Beira, 5 000 000\$00 à de Nampula e 2 500 000\$00 a cada uma das dependências de Vila Pery e Nacala.

Boletim Mensal do Banco de Fomento Nacional, 2-66.

SERVIÇOS DE GENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTE

«O TEMPO E O MODO» N.º 37

F. 1945 enviada à Censura em

19

4

de 1966

Ref. Abreil

Este ano não se conhecem quaisquer iniciativas

Comemora-se amanhã, em todo o mundo culto, pelo quinto ano consecutivo, mais um «Dia Mundial do Teatro», uma iniciativa do maior interesse do respectivo Instituto Internacional.

As primeiras comemorações deste dia — em que a importância do Teatro e a sua função universalista são acentuadas por diversas cerimónias e realizações — tiveram particular repercussão no nosso país. O «Diário de Lisboa» recorda a jornada que, por sua iniciativa, se realizou na Câmara Municipal de Lisboa, a favor de um Teatro Municipal, aspiração que ficou de pé, mas cuja concretização aguarda melhor oportunidade.

O incêndio do Teatro Nacional e as dificuldades que surgiram para albergar, numa casa condigna, a companhia concessionária, viriam demonstrar, pouco depois, a carência de teatros na capital e a legitimidade da reivindicação de um Teatro da Cidade por parte dos profissionais e do público.

Este ano não se conhecem quaisquer iniciativas tendentes a assinalar, de forma especial, este «Dia Mundial do Teatro».

Mensagem de René Maheu — director-geral da UNESCO

A habitual mensagem divulgada pelo Instituto Internacional do Teatro é este ano da autoria de René Maheu, director-geral da UNESCO, cuja versão portuguesa, do dramaturgo Luiz Francisco Rebello, é a seguinte:

«Neste palco, neste lugar comum onde tudo é signo porque nada é real, todas as coisas, sejam elas verosímiles ou absurdas, são maravilhosamente possíveis. Neste lugar que é o mundo inteiro, nesta noite que é todas as noites, oferecem-se à nossa fantasia todos os lugares do mundo, a história de ontem e de amanhã, de hoje e de nunca.»

Em ti saudamos, Teatro, o sonho universal.

Milagre ou miragem, diante dos olhos fascinados e dos ouvidos atentos, uma acção imaginária vai nascer, à qual responderá a adesão dos nossos corações exaltados. Mágico poder do teatro: a força cômica, o terror trágico, a angústia dramática, impõem-se pelo



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

«O TEMPO E O MODO» N.º 37

Provas enviadas à Censura em

19 de 4 de 1966

Def. Abel



contacto imediato. A ilusão vivida gera a crença. O teatro não é representação: é participação, ou não será teatro.

Por isso estamos gratos ao Teatro: por nos lembrar que o Homem é acção e que agir é acreditar.

Mas o Teatro tem ainda o poder de realizar a comunhão entre os homens, transcendendo as divisões e as fronteiras da natureza, da sociedade e até da própria cultura. Diversamente do que sucede em outras formas de espectáculo, o público de teatro não é uma colecção de solidões individuais: é uma comunidade à procura da sua alma e que, às vezes, encontra-a para nunca mais a esquecer.

A realização cénica sobre o palco corresponde, na sala, a realização de um ideal de fraternidade humana.

O Teatro é, ainda, e essencialmente, linguagem: linguagem, ou seja, pensamento. Palavras que através dos rostos e das vozes mais expressivas nos permitem contemplar em público os nossos mais íntimos segredos: palavras que se fazem carne, que animam corpos vivos, conduzindo-os através de lutas, seduções, discussões e armadilhas até ao triunfo e à derrota, ao amor ou à morte, ao grotesco ou ao sublime. O que as palavras evocam faz-nos compreender para além do que vemos, pensar aquilo em que acreditamos, e julgar. É graças a elas que sairemos desta sala de aparências com um novo sentido da realidade.

Conhecer os seus encantos é uma experiência decisiva. As mentiras do Teatro iluminam os nossos erros e libertam-nos da sua própria magia. O Teatro é catarse, purificação.

Neste «5.º dia Mundial do Teatro», a UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, honra-se em dar testemunho da grandeza, da universalidade, da eterna juventude do Teatro. Autores, actores, encenadores, todos quantos nos seus vários postos são os obreiros da Poesia criada sobre um palco, em nome da UNESCO quero exprimir-vos a gratidão do público. A vós compete não esquecer nunca da estima e da afeição do público, não esquecer nunca a dignidade essencial da vossa arte — vós, meus amigos, a quem foi dado o poder terrível de juntar os homens para os fazer rir e chorar!»

«Diário de Lisboa», 26-3-66.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)

CORTADO

(SÉDE)
CORTADO



bre a matéria que tem na frente. Não se deve contentar em afirmar que estamos numa sociedade de classes. A continuarmos assim, repito, onde existe essa acção dinâmica de «correção»?

Por outro lado, não me parece que o nível da revista pudesse sofrer qualquer beliscadura se, acaso, houvesse a tal mudança de orientação. Um mesmo tema pode ser tratado de diferentes maneiras. Vem-me à lembrança um exemplo que passo a citar: há um abismo entre a maneira como numa faculdade portuguesa (ou estrangeira, possivelmente) é abordado o problema do Marxismo e aquela como foi enunciado por Georges Politzer, na Universidade Operária de Paris. Não me refiro, é evidente, às concepções pessoais de cada um dos exponentes. Tenho em mente o processo de exposição; esse é que, realmente, é bastante diferente (o mesmo se passa, aliás, com as concepções). «Será a acessibilidade (ou a finalidade) garantia de comunicação?» Contrariamente à opinião de V. Ex.ª, parece-me que sim. Tudo está em saber tornar-se acessível. E, não me parece (por tudo quanto eu sei) que exista essa impossibilidade no corpo redactorial de «O Tempo e o Modo».

Tudo isto me faz lembrar um facto acontecido há anos nesta nossa terra. Durante determinada campanha eleitoral, um certo senhor foi convidado para fazer uma palestra na localidade X. Chegado lá verificou que a quase totalidade dos assistentes era constituída por operários, alguns deles ainda com os seus fatos de trabalho. Pois esse senhor abandonou imediatamente o lugar do comício pois «não se sentia com capacidade para falar perante aquele auditório». Impossibilidade (incapacidade) total de comunicar com o povo!

Sr. Director, perdoe-me todo este tempo que lhe vim tomar. Creia que unicamente me animou o desejo sincero de ser útil. Se o consegui ou não V. Ex.ª o dirá. Creia-me com a admiração de

Joaquim Loureiro

Seminário Dominicano
Aldeia Nova Olival — Norte IV

SERVÍCIOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES



Cartas enviadas à Censura

16 de 7

Ref 4



RESARMAMENTO, UTOPIAS & REALIDADES

«As forças nucleares das nações relativamente fracas serão ineficazes se forem dirigidas contra objectivos militares inimigos. A sua utilidade é apenas a de arma de terror, ameaça brandida contra as cidades (estratégia de Foster Dulles de há dez anos). Hoje, o inimigo se sabe que esta força nuclear fraca é manobrada de maneira independente, não tem, sem dúvida, grande dificuldade em neutralizá-la. Todavia, no caso de ser posta em acção, o seu emprego equivaleria pura e simplesmente ao suicídio da nação que a empregasse.

«Por outro lado, a criação de forças nucleares nacionais independentes umas das outras, encoraja a proliferação desta espécie de armamento com todos os riscos daí decorrentes.

«A estatégia nuclear, para ser eficaz e plausível, exige a unidade de plano, a concentração da autoridade (para a decisão) e uma direcção centralizada (para a condução das operações). Não deve haver estratégias decorrentes, quando se trata de afrontar o perigo de uma guerra nuclear. A estratégia nuclear é indivisível»-

(RBERT MCNAMARA, Secretário da Defesa do Governo dos Estados Unidos da América do Norte).

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

1.

Proseguem em Genebra os trabalhos de mais uma Conferência Pró-Desarmamento. Por esta razão, tudo quanto agora se disser será provavelmente incompleto. Assim, quem procure permanecer fiel à verdade, acha-se a braços com um problema de consciência que é, aliás, um problema de princípio.

Impõe-se, portanto, um parêntesis que esclareça o nosso propósito ao redigirmos estas notas. Para já, as várias citações que fazemos não são decalcomania: propusemo-nos fazer a recolha de vários pontos de vista e fugir das considerações morais sempre fáceis.

E lembrámo-nos de que o perigo atómico faz parte do dia a dia, do nosso apouquentado dia a dia. Aqui, em qualquer parte do globo, no país mais remoto e ignorado.

2.

[A humanidade tem de pôr fim à guerra; se não, é a guerra que porá fim à humanidade (John Kennedy)].

Num período em que talvez o imperialismo norte-americano terá abrandado e escutado melhor o «diálogo», John Fitzgerald Kennedy deixou esta máxima que bem pode ser o seu testamento político. Os mil dias de Kennedy parecem trazer possibilidades dos impasses do problema do desarmamento serem ultrapassados. Reunida em Genebra, em Abril-Maio de 1964, outra Conferência para o Desarmamento saiu, afinal, em ponto morto. Entretanto, manda a verdade dizer-se que alguns passos tinham sido já dados, o que demonstra ser a

16

R.J.P.



tese da insolubilidade um mito architectado pela miopia da administração americana ou pelo seu confessado desejo de que o desarmamento não afecte a estrutura imperialista. Dessa data (Maio de 1964) a esta nova Conferência, o compasso de espera trouxe novos dados ao assunto, embora as teses advogadas por qualquer das partes continuem essencialmente as mesmas. Vejamos como ficaram as coisas no ano transacto.

Das grandes esperanças ao banho frio do impasse

Depois do Tratado de Moscovo aguardava-se que a viragem de Washington e a apre-goadada coexistência pacífica conduzissem a outras *démarches*. Muitos, efectivamente, tiveram esperanças. Porém, dois ponderáveis, se fossem atentados, matariam as injustificáveis alegrias. Primeiramente, o Tratado de Moscovo fora gizado e assinado fora do âmbito da C. N. U., o que significa que apenas os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a U. R. S. S. se envolviam directamente nos compromissos nele estabelecidos. Isto é, não só as potências do Clube Atómico eram esquecidas (e com elas as neutrais e as alinhadas), como também o organismo internacional para a paz sofria um golpe, ao escapar-lhe das mãos a solução do problema. Em segundo lugar, o Pentágono, com a transmissão de poderes de Eisenhower para Kennedy, mudara igualmente o sistema táctico-estratégico e a crise cubana de 1962 provara que ele não seria mais brando que o anterior.

Na reunião de Genebra de 1964, Lydon Johnson, herdeiro de Kennedy, encarregara William Foster de defender o ponto de vista americano, resumido no enunciado seguinte:

- a) Chegar a um acordo para um não fornecimento de armas destinadas a modificações de fronteiras ou de linhas de demarcação;
- b) Defender a tese de congelamento das armas nucleares;
- c) Impôr a proibição de fabrico de matérias cindíveis para utilização militar;
- d) Conseguir um acordo sobre postos de observação contra ataques de surpresa;
- e) Chegar a acordo quanto à não disseminação de armas nucleares.

Por sua vez, o Kremlin propunha um outro programa, mais extenso e preciso que o americano, os conhecidos nove pontos que muita tinta fizeram correr. São eles os seguintes:

- a) Retirada de todas as tropas estacionadas em territórios estrangeiros.
- b) Redução dos efectivos militares na Europa Central.
- c) Redução de 10 a 15 % em todos os orçamentos militares.
- d) Tratado de não-agressão entre os países da NATO e os do Pacto de Varsóvia.
- e) Criação de zonas desnuclearizadas compreendendo a Europa Central, a Escandinávia, os Balcãs, os países mediterrânicos e a América do Sul.
- f) Acorde de não disseminação de armas nucleares.
- g) Acordo de prevenção contra ataques de surpresa.
- h) Destruição de todos os bombardeiros.
- i) Criação dum «guarda-chuva nuclear»¹, a manter-se até ao desarmamento completo.

¹ Entende-se por «guarda-chuva nuclear» um número X, igual para ambos os lados, de mísseis estacionados nos respectivos países.

Analisando cada um dos planos, verifica-se que diferentes preocupações influíram na sua organização e compreende-se por que necessariamente levariam ao impasse. Atrás de cada um dos enunciados escondiam-se salvaguardas de ambições e propósitos que o adversário não podia (ou não queria) autorizar. Que diziam as propostas americanas?

SERVÍCIOS DE CENSURA (SÉDE) CORTADO

Ref 4



a) Os Estados Unidos encontravam-se envolvidos numa guerra na Indochina, com grandes riscos de a perder. Só o não fornecimento de armas ao Vietname do Norte e ao Vietcong pode impedir que a derrocada se concretize. A U. R. S. S., não aceitando a proposta, poderá fornecer material estartégico e de ataque (misseis e «Migs»), a que efectivamente acontece.

b) A estratégia Foster Dulles converteu a América do Norte num barril de pólvora pronto a estoirar. Concentrando as bases atómicas em território estadunidense, os Estados Unidos tornavam-se um perigo para si próprios, um alvo enorme à disposição do inimigo. Por isso, a tese do descongelamento das armas nucleares.

c) Permitiria aos Estados Unidos manter o seu actual potencial, aumentando livremente a sua força convencional. Vê-se como esta tese se opunha à tese russa de *destruição total de bombardeiros*.

d) Era aceitável para os russos não fora obliterar-se nela as tropas e material americanos na Europa e na Ásia.

e) Embora coincidente com igual proposta soviética, ignorava a NATO, meio para um rearmamento alemão, no dizer dos russos.

A seu turno, as propostas da U. R. S. S. chocavam com os interesses americanos. Permitiriam o respirar livre dos soviéticos, inaceitável para os Estados Unidos; permitiriam o desafoamento da economia soviética, inaceitável para os Estados Unidos; permitiriam o ruir da aparente hegemonia americana, inaceitável para os Estados Unidos. Que escondia o programa russo?

a) A retirada das forças militares estacionadas em território estrangeiro, como exigia a U. R. S. S., era uma extensão do primitivo Plano Rapacki (também caído num impasse), adoptado na Assembleia Geral da O. N. U. em Setembro de 1958, e visava criar uma terra-de-ninguém entre os dois blocos. As objecções americanas a esta alínea entroncam-se nas objecções seguintes.

b) Verifica-se uma vez mais o apoio que o Plano Rapacki desde logo teve por parte da U. R. S. S. Comò encaram os Estados Unidos a diminuição de pressão coerciva sobre a linha da cortina de ferro? Allan Dulles, director do C. I. A., esclarece: *«o desarmamento geral e completo? Impossível. Era permitir aos russos investirem no consumo civil os créditos que consagram neste momento ao exército»*. Enfim, com um enunciado tão claro, desnecessário é pesquisar em águas turvas.

c) Em face da oposição norte-americana às premissas anteriores, evidentes são os motivos que obstam à aceitação também desta alínea.

d) Se categóricos são os óbices levantados a todas as exigências soviéticas, a tal ponto que conduzem à rejeição sistemática, não menos categóricos são estes que se levantam agora. Um pacto de não agressão entre os países da N. A. T. O. e os do Pacto de Varsóvia implica uma série de atitudes que o Ocidente está longe de admitir: o reconhecimento do governo de Pankow por um lado, por outro lado a inutilidade e condenação da própria N. A. T. O., que arrancaria das mãos dos Estados Unidos uma posição-chave na estratégia económica.

e) A desnuclearização da Europa Central, da Escandinávia, dos Balcãs e dos países mediterrânicos, correspondem os mesmos contras anteriores. Quanto à América Latina, falaremos em pormenor no capítulo que adiante lhe dedicamos. Recordemos ainda que foi pedida na Assembleia Geral da O. N. U. a desnuclearização de África, pelo ex-presidente do Ghana, Kwame Nkrumah.

f) Pareceria que, pela primeira vez, soviéticos e americanos, eram concordes, não fora uma cláusula junto a este parágrafo: os russos só acederão a uma não disseminação de armas nucleares se a América retirar as tropas estacionadas em países estrangeiros, nomeadamente

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

Trabalho enviado à Censura em

16 de 4 de 1966

Ref 4



no Vietname. Ora, bem sabemos qual a posição dos norte-americanos quanto a este ponto. Portanto...

g) Repete-se o que acima se disse.

h) Que tem a administração ianque a objectar? Pode o governo dos Estados Unidos anular as encomendas já feitas às fábricas? Pode o governo dos Estados Unidos paralisar uma indústria que absorve imensos capitais e mão-de-obra? Ou não é verdade que a maioria dos políticos americanos pensa como George Kennan: a U. R. S. S. não pode aguentar a corrida aos armamentos, esta corrida provocará, mais tarde ou mais cedo, a desagregação do sistema económico soviético. Além do mais, não é verdade que a indústria bélica é para os Estados Unidos um dos esteios do seu equilíbrio económico? Certo é que hoje há quem aceite a hipótese de Gillman: sem alterar esse equilíbrio, pode-se escoar os capitais do armamento para os serviços sociais. Bem vistas as coisas, isto é, ao fim e ao cabo, uma esperança, já que nada mais há a esperar.

i) E quanto ao «guarda-chuva nuclear» não acham que as palavras de Allan Dulles são concludentes?

Do Clube Atómico, S. A. R. L.

Vale a pena um breve relance sobre as potências que vão arrecadando o seu material termonuclear e sobre os problemas que a sua situação vai criando. Não podemos afastar estes casos particulares do debate em curso, sob pena de distorcemos as suas perspectivas.

Os Estados Unidos, a U. R. S. S., a Inglaterra, a França e a China são os países que já ingressaram no assim chamado Clube Atómico. Se as posições dos Estados Unidos e da U. R. S. S. perante o desarmamento têm vindo a ser esclarecidas, ainda não o foram as dos restantes membros. E, no que respeita à França e à Inglaterra, elas não podem ser separadas dos compromissos que tomaram na N. A. T. O., nem nas linhas que orientam os respectivos governos.

a) Reino Unido: Quando após 1962, tempo desorientado pelo fiasco cubano e pela construção do muro de Berlim (a expressão é de Robert Bosc), a América destituiu a estratégia Foster Dulles e entregou o comando do Pentágono a Robert McNamara, a Europa considerou os seus argumentos e apresentou a Washington três pontos que resumiam o pensamento em matéria de defesa.

1.º — O desenvolvimento económico europeu do pós-guerra desobriga os americanos da protecção pelo direito de força;

à 2.º — Os Estados Unidos são vulneráveis ao ataques soviéticos (a crise cubana de 1962 demonstrou-o), pelo que não pode a Casa Branca comprometer-se na defesa dos interesses vitais europeus, isto é, na dos interesses julgados vitais por esses mesmos países, mas apenas naqueles considerados como tais em Washington.

3. — A única defesa actualmente possível é nuclear e as forças atómicas independentes, ainda que relativamente modestas, bastam à protecção das nações europeias.

Resumindo, o que se pertendia era a independência económica e militar da Europa. Parece que o Sr. McNamara não estava de acordo, visto que em 15 de Junho de 1962, num discurso aos estudantes da Universidade de Michigan, proferiu:

«Penso que todos esses argumentos são falsos e desejaria apresentar o ponto de vista dos Estados Unidos sobre estas questões. Partimos da consideração que, a despeito da irracionalidade duma guerra atómica e a despeito de todas as precauções para afastar os riscos da sua deflagração por erro ou loucura, um conflito nuclear é hoje possível. Pensamos

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) CORTADO

16 de 9 6



que nós e os nossos aliados da N. A. T. O. devemos conceber a nossa estratégia em função desta terrível possibilidade. Querer ignorar o problema não o suprimiria.»

O ponto de vista europeu não diferia do estadunidense no seu conteúdo; o que a distinguia era a sua finalidade. O Pentágono observou que a proposta europeia trazia algumas soluções e um quebra-cabeças que o preocupava. O armamento nuclear da Europa proporcionava a extensão da zona nuclearizada, tática eficaz contra os ataques estratégicos massivos, único sistema ofensivo então em prática. O Plano Rapacki estava votado ao esquecimento. A Europa iria começar a armar-se nuclearmente. O primeiro passo seria da Grã-Bretanha.

Em 21 de Dezembro de 1962, Kennedy e Mac Millan encontraram-se em Nassau (Bahamas). Projectava-se então na Grã-Bretanha o fabrico de mísseis «Skybolts». O que se segue reveste-se de importância para a posição futura do governo de Londres. Damos a palavra a Pierre Raustide (*De l'accord de Nassau à l'échec de Bruxelles*, in «Rèvue de Défense Nationale», Março de 1963):

«Os «Skybolts» são definitivamente abandonados, o que significa a condenação do BOMBER COMMAND da RAF; os Estados Unidos venderão à Grã-Bretanha mísseis Polaris sem ogivas termonucleares. Estas ogivas serão fabricadas na Inglaterra, assim como os submarinos de propulsão nuclear destinados a utilizá-los. O primeiro destes poderá ser posto ao serviço em 1970, o mais tardar (esperando-se que, de acordo com as previsões estabelecidas posteriormente, os mísseis Polaris possam ser montados em navios de superfície); para o imediato, os elementos do BOMBER COMMAND inglês e do STRATEGIC AIR COMMAND americano, assim como certos elementos das forças nucleares táticas americanas (trata-se de pequenas bombas miniaturizadas para canhão e fusil) estacionadas na Europa constituirão uma força nuclear da N. A. T. O. A inclusão destes últimos elementos deve permitir a um certo número de membros da Aliança participar no sistema. Esta Força compreenderá igualmente, no futuro, submarinos armados de Polaris que a Grã-Bretanha porá ao serviço com a ajuda americana»².

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) CORTADO

² Os acordos de Nassau foram integralmente publicados no *Le Monde*, de 23 de Dezembro de 1962. Deixamos a referência para que mtiver curiosidade por certos pormenores.

Lançado na sua aventura nuclear, conduzido pelo braço dos Estados Unidos, o Reino Unido, a partir de Nassau, iria apoiar por sistema e por necessidade as teses americanas.

b) França: Desde a V República que o Governo francês procurava a sua independência militar. De Gaulle sonhava com uma Europa regida pela batuta de Paris, independente de quaisquer outros blocos. Forneceram-se às forças armadas aviões «Mirage», de fabrico francês, fizeram-se explodir algumas bombas no Sahara. Esta foi a primeira fase.

A segunda fase diz respeito à independência militar de facto, corolário duma possível independência económica que a França estaria em vias de alcançar. Tudo isso levava a criar uma autonomia no seio da N. A. T. O., recusando-se a permitir que os Estados Unidos mantivessem em seu território bases militares, rescaldo dum próximo passado que não deixou boas memórias.

O problema de independência punha-se para a França em termos de não aceitação de quaisquer compromissos enquanto não tivesse emparceirado potencialmente com os Estados Unidos e a U. R. S. S. A França não ratificou o Tratado de Moscovo, ignorando a interdição de experiências nucleares na atmosfera e ir áprocurar fortalecer a sua influência política, ora como chefe-de-fila da Europa, ora procurando apoiar-se no terceiro mundo. Mas isso é já outra história.

Provas enviadas à Censura em

16. de 4. de 66



Finalmente, a paisagem europeia completa-se ainda com outras questões: a Alemanha e os esforços de Bonn para um rearmamento de acordo com o «milagre económico»; a Espanha e um neutralismo sem Palomares; etc.

c) China: Foi talvez a entrada da China no Clube Atómico o acontecimento que mais perspectivas abriu a um desarmamento efectivo. Ou, talvez, aquele que mais baralhou os dados e se tornou susceptível de cristalizar os impasses.

Analise-mos, ainda que sem minudências. O facto dum país subdesenvolvido³ ter tido

³ Subdesenvolvido é uma noção relativa que exprime a distância temporal existente entre os países situados no cume do progresso da sua época, ou colocados numa boa média, e os que se encontram abaixo e até muito longe desta média. A China, embora já tenha debelado alguns dos factores que caracterizam o subdesenvolvimento, ainda não debelou outros: o desequilíbrio entre a agricultura e a indústria, a elevada taxa de aumento demográfico, por exemplo.

pela primeira vez acesso ao fabrico da arma atómica, parece ter criado possibilidades a que outros países nas mesmas condições, ou quase, viessem a imitá-lo. A Indonésia e a Índia declararam possuir condições para as fazer deflagrar. Até que ponto as declarações correspondem à realidade é coisa que não sabemos.

Que características teve a bomba chinesa? A Comissão para a Energia Atómica informou que o material cindível utilizado foi o urânio 235 e não o plutónio como primeiramente se pensara. Considerando que a Inglaterra e a França utilizaram plutónio nas suas experiências e que o urânio 235 é um processo que não só requer um apuro técnico desenvolvidíssimo, como se torna exorbitantemente dispendioso, conclui-se que a China atingiu um avanço que se estava longe de esperar. Considera-se também que os cientistas e observadores americanos são unânimes em declarar que a China pode fabricar à média de uma bomba por mês e que pode construir uma bomba de hidrogénio dentro de dois anos.

A entrada da China no Clube Atómico põe ainda outras questões. Os Estados Unidos não reconhecem o governo de Pequim, o que afasta a hipótese de o trazer à mesa de Conferências. A não ser Washington pense rever os seus argumentos. Neste sentido poder-se-ão interpretar as declarações de Robert Cluskey, do Departamento de Estado americano: «É evidente que todas as potências militares importantes devem participar em todos os acordos sobre o controlo de armamentos, se se pretender que tais acordos tenham um significado verdadeiro. Nunca nos opusemos à participação de qualquer país nas negociações sobre o desarmamento».

Porém, potências militares são potências políticas e a China não foge à regra. Como disse McNamara, «querer ignorar o problema não o suprimiria».

3.

Genebra, 1966

Em vista do silêncio da imprensa internacional conclui-se que nada de novo se passa na Conferência de Genebra. Estados Unidos e U. R. S. S. fazem finca-pé nas suas proposições e o tempo vai passando.

Couve de Murville, ministro dos Negócios Estrangeiros francês, declarou, após a sua viagem a Moscovo, que os russos têm actualmente duas preocupações: a Alemanha e o Vietname. E são estas duas regiões os obstáculos maiores a que alguma coisa se resolva. No Vietname espera-se... e desespera-se. A História parece ter recuado vinte anos. E o

CORTADO (SEDE)

Censura em



Kremlin não está disposto a pactuar com Washington, quando o poderá fazer com melhores vantagens. Na Alemanha, Ehrardt parece apostado em fundamentar as acusações dos russos, tornando-se um dos paladinos das forças nucleares ao abrigo da N. A. T. O. Por outro lado, na mesma Alemanha, o problema de Hamlet revive: ser ou não ser. Ser Bonn ou ser Pankow. Para uns é Bonn, para outro Pankow a Alemanha é uma!

Contudo, algo de novo se verificou em Genebra. Pela primeira vez, invocou-se o Tratado de Moscovo como base de acusação. Em Palomares (Espanha), caiu um bombardeiro americano com quatro bombas termonucleares, etc., etc. Um memorandum entregue por Gromiko ao embaixador americano em Moscovo, protestou-se contra o facto. Ao mesmo tempo, Semyon Tsarapkin, delegado soviético em Genebra, afirmava que os riscos de explosão em águas internacionais constituíam uma violação do Tratado. O representante americano, William Foster limitou-se a um silêncio. A moral do incidente leva a concluir-se que a U. R. S. S. acha-se interessada em sujeitar o STRATEGIC AIR COMMAND norte-americano aos princípios enunciados em Moscovo.

É nossa convicção, todavia, que os Estados Unidos não cederão neste ponto. Pelo menos, enquanto o Pentágono (McNamara) se guiar pelas opiniões de Wohlstetter e a opinião de Wohlstetter for a Rand Corporation. Porque, como escreve Pierre Roustide, «a política norte-americana assenta numa concepção global, numa verdadeira teoria, cujas peças mestras são a expressão política do perigo de proliferação das forças de choque nacionais, a inquietação da escalada, do «rapport» joguismo, do carácter indivisível da defesa ocidental, no quadro geral de substituição duma dissuasão proporcionada à dissuasão total».

4.

— Há um problema cuja solução é aguardada com esperança por todos os países, grandes e pequenos, qualquer que seja o seu sistema social ou o seu modo de vida: é o problema do desarmamento. Ou a causa da paz há-de importar-lhe, ou a humanidade precipitar-se-á na guerra e no seu cortejo catastrófico — toda a questão depende sobretudo do facto de acharmos ou não acharmos a boa solução do problema. (NIKITA KRUTSCHEV)

Se não podemos ser optimistas ao ponto de não acreditarmos na solução rápida do desarmamento, porque há gente e há organizações que não estão por agora interessadas nele, também não devemos ser de todo pessimistas e não acreditarmos na viabilidade duma solução. O desarmamento é hoje uma necessidade, e nisso todos os governos são concordes: falam os números, falam os políticos, falam os intelectuais. E se até hoje verdadeiramente se não deu ainda um passo para o desarmamento total, deram-se algumas chances para que o desarmamento nuclear seja um facto. Do mal, o menos. É evidente que nada impede que em caso de conflito os tratados sejam desrespeitados. Enquanto se não conseguir a dissolução do armamento nuclear, sabemos (todos o sabem) que letra escrita é letra morta. Mas vejamos.

1) Os passos do desarmamento

«Não se pode realizar o desarmamento numa única etapa, mas cada etapa deve ser conduzida de modo a alcançá-lo», dizia Nehru. De facto, os poucos passos dados demonstram que neste capítulo não se pode avançar doutro modo. Pouco se fez, ainda que muito se tenha feito. Os passos dados do desarmamento são quatro:

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) CORTADO

Provas enviadas à Censura em
16 de 4 6

Ref 4



1. Tratado de Moscovo
2. Resolução da O. N. U.
3. Telefone Kremlin-Casa Branca
4. Acordo Estados Unidos-U. R. S. S. sobre materiais fissíveis.

O TRATADO DE MOSCOVO: A 5 de Agosto de 1963, os governos dos Estados Unidos e da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas assinaram em Moscovo um tratado que punha fim às experiências nucleares. As cláusulas do tratado interdiziam as experiências na atmosfera, para lá dos seus limites, debaixo de água, quer em águas territoriais ou no alto mar. Interdiziam igualmente todas as explosões nucleares, por parte dos três países, que se realizassem fora dos territórios sob sua jurisdição.

Foi, sem dúvida, o Tratado de Moscovo um gesto magnânimo dos governos que o assinaram. Mas os resultados obtidos revelar-se-iam a curto prazo insuficientes. Vimos já quais as consequências de ter sido assinado fora da O. N. U.; mas mesmo que a honra da sua elaboração houvesse cabido a este Organismo, a China estava de igual modo desobrigada, visto não seu membro da O. N. U.

A RESOLUÇÃO DA O. N. U.: Dois meses após, a 17 de Outubro, a Assembleia Geral da O. N. U. tomou conhecimento oficial do Tratado, pelo menos muito restritamente, e resolveu apoiá-lo, convidando os países membros a reconhecerem-no. Esta resolução diz respeito apenas a experiências na atmosfera e à proibição de colocar em órbita objectos portadores de bombas atómicas. Quantos países o poderiam fazer?

O ACORDO SOBRE MATERIAIS CINDÍVEIS: Em 1964, novo acordo foi estabelecido entre os Estados Unidos e a U. R. S. S., respeitante desta vez a uma redução de matérias cindíveis utilizadas na produção de armamento atómico. Um acordo sem consequências, dado que uma redução não implica necessariamente um congelamento de armas e muito menos a sua extinção.

O CINTO DE SEGURANÇA TELEFÓNICO: Finalmente, não podíamos deixar de referir o que foi assunto para tantas ilustrações que nos habituámos a ver: a linha telefónica, o telefone branco, ligando o Kremlin à Casa Branca. Medida de segurança para descuidos ou casualidades que poderiam normalmente provocar a deflagração do conflito.

Em síntese: se a eficacidade das medidas tomadas é duvidosa, os seus efeitos psicológicos foram bastante apregoados. Afirmou-se que permitiriam um clima de desanuviamento propício a um desarmamento; sabemos hoje que tudo isso andou longe da realidade, mas enfim justificaram as optimistas palavras do optimista John Kennedy: «Desarmar já não é um sonho. É uma questão de vida ou de morte. Os riscos que comporta o desarmamento são ridículos se comparados com os riscos que comporta uma corrida desenfreada aos armamentos».

2) *A sábia linguagem cabalística, ou o significado de Guernica*

Quando se fala em desarmamento entende-se que copiosos capitais ficariam disponíveis para outros investimentos. E falando desses capitais, lembra-se o que podia ou não ser feito com eles. É um campo de conjecturas e de hipóteses, um malabarismo de aritmética, em que é bom atentar um pouco. Basta comparar os preços de custo dos vários armamentos com a sua equivalência em investimentos no desenvolvimento civil ⁴.

⁴ Todos os números citados são transcritos de *Le Courier*, da UNESCO, Novembro de 1964.

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) CORTADO

Ref 4



Por exemplo, o orçamento dum submarino atómico ronda os 160 milhões de dólares, o que valeria um hospital (de 3 milhões de dólares) para 50 cidades e sobram ainda 10 milhões de dólares; os estudos completos para o fabrico dum bombardeiro atómico montam a 6 milhões e meio de dólares, o que se pode traduzir por 600 000 casas de de 10 milhões de dólares cada, para 3 milhões de pessoas, sobejando ainda quinhentos mil dólares; o preço dum novo bombardeiro com o seu equipamento corresponde ao salário de 250 mil professores durante um ano, ainda ao valor de construção e equipamento de 30 Universidades de Ciências para mil estudantes cada, ou a 75 hospitais completamente equipados, com 100 camas, ou a 5000 tractores, ou a 15 000 debulhadoras, etc., etc.

Numéricamente falando, o montante de todo o material de guerra actualmente existente, incluindo o do material já posto na sucata, possibilitaria a edificação dum mundo novo, onde muitos dos problemas da fome, da doença, do analfabetismo, etc. seriam quase totalmente debelados. Certo é que quem se prenda a estas estatísticas, arrisca-se a viver entre quimeras, longe da realidade do presente. Esta traduz-se, por enquanto, noutros números:

Uma bomba atómica de standard normal (20 megatões — 1 megatão é igual à potencia de 1 milhão de toneladas T. N. T.) tem um poder de destruição assustador. Que poder? Recordemos que na II Grande Guerra, mil aviões equipados com quatro superbombas de 1 tonelada bastaram para arrasarem quase completamente a cidade de Hamburgo e matar 75 000 pessoas. Ora, mil aviões com 4 bombas, perfazem 4000 bombas, 4000 bombas são 4000 toneladas. Quer dizer, o potencial da bomba atómica normal é 5000 vezes superior ao total de bombas lançadas sobre Hamburgo-

Eis por que razão ninguém foi indiferente às palavras de Paulo VI⁵, no seu discurso

⁵ O discurso de Paulo VI, na O. N. U., foi integralmente publicado no n.º 31 de O TEMPO E O MODO. à O. N.U.: «Cabe-vos a tarefa de procurar que, à mesa da humanidade, o pão seja suficientemente abundante; não é vossa tarefa favorecer um controle artificial dos nascimentos»⁶,

⁶ Paulo VI refer-se às teorias neo-malthusianas de Vogt, com bastante aceitação nos Estados Unidos. *que seria irracional, destinado a diminuir o número dos convivas no banquete da vida.*

«Mas não basta dar pão a quem tem fome: também é preciso assegurar a cada homem uma vida adequada à humana dignidade. E também disso vós cuidais. Não estarão os nossos olhos a contemplar o cumprimento, graças a vós, do anúncio profético que tão bem se aplica a esta Instituição — «Hão-de fundir as espadas para com elas fazerem charruas, e as lanças para fazerem foices» (Isaias, II, 4)»

3) Os países subdesenvolvidos perante o desarmamento

Depois dos números expostos fácil é ter uma noção do que o desarmamento pode representar para os povos subdesenvolvidos. Tem-se alvitrado que um desarmamento total facultaria uma maior assistência económica a tantos dos povos que imergem agora nas dificuldades enormes conhecidas pelo nome de subdesenvolvimento. Eis onde as boas intenções não correspondem à verdade, ou, como se queira, onde o optimismo esconde as verdades das boas intenções.

Claro que nos choca saber que 85 % da população mundial sofre de fomes ocultas⁷;

⁷ Josué de Castro, «A Geopolítica da Fome», I vol. claro que a linguagem das percentagens de rendimentos drenados para o sector de defesa e armamento nos países industrializados nos fere. Aceitamos, inclusive, a tese de que «o problema do desarmamento e o problema dos subdesenvolvidos sob certos aspectos se reduzem a um só». Aceitamos mesmo que haja corações generosos e beneméritos. Porém...

SERVIÇOS DE CENSURA SEDE

CORTADO



16

4

6

121

Ref 4



No n.º de Maio de 1965, Xavier Flores publicou in O TEMPO E O MODO um interessante estudo intitulado «As necessidades dos países subdesenvolvidos» e nele afirmava entre outras coisas: «É bastante lamentável ver, por exemplo, na América Latina, até que ponto as despesas militares ultrapassam as necessidades reais de segurança para além do limite razoável, tendo em consideração o estado da sua economia (...) Constatámos, mais uma vez, até que ponto o mundo actual mantém um sistema anacrónico de segurança, se pensarmos nas necessidades presentes e futuras. Em termos económicos, somos já capazes de pensar no futuro; em termos militares, raciocinamos como a geração de 1914. Evidentemente que, onde existirem exércitos pretorianos ao serviço de castas dirigentes, o raciocínio não tem nada de anacrónico». Para já, recorda-se que, por exemplo, na Grã-Bretanha, onde o serviço militar é voluntário, os recursos anuais de massa humana empregue em serviços militares (económicamente são inúteis esses homens) ronda o número de 1 118 000 pessoas.

Para os países de grande capital económico, o problema não é menor. A União Soviética gasta actualmente em armamento 18 % do seu rendimento anual. Com essa verba poderia pôr em prática os seus projectos de desviar os cursos dos rios Petchora, Vytchegda e Obi para as bacias do Cáspio e do Aral, modificando assim as condições de vida de muita população da Ásia Central. Nos Estados Unidos, onde vários projectos hidráulicos têm de ser abandonados, as pesquisas espaciais retardadas, acontece o mesmo.

E quanto à caridade, eis o que o conhecido geógrafo brasileiro Jesué Castro nos revela:

* *Scara Nova*: «Diálogo em Royanmont», Maio de 1964.
quando, depois de demonstrar que o auxílio americano aos países subdesenvolvidos é afinal um «negócio da China», pois converte os países auxiliados em exportadores de dólares, sublinha:

«Os capitais emprestados a estes países subdesenvolvidos não são utilizados no seu verdadeiro desenvolvimento. Tibor Mende, na seu livro «O Medo e a Esperança», nota que os americanos ficam muito surpreendidos quando investem três ou quatro milhões de dólares no mundo subdesenvolvido, e não vêem os rendimentos desses empréstimos. É que 80 % destes caudais são investidos em armamento; para constituir exércitos que não servem para nada, inteiramente inúteis e ultrapassados. E tudo isto para que se compre aos Estados Unidos o seu armamento, para que lá se mantenha um certo nível de emprego, e para evitar o desemprego que, mesmo assim, é nos Estados Unidos de quatro milhões de pessoas. Se não comprarmos esse armamento, dizem alguns, se não ajudarmos os Estados Unidos a resolver este grave problema do desemprego, eles estarão perdidos. É necessário, pois, ajudá-los e em compensação eles ajudam-nos em dólares. Mas esta ajuda em dólares não serve infelizmente para nada, é no fundo inútil ao mundo em geral, como aos próprios Estados Unidos».

Triste ironia, a da viagem dos capitais. Triste ironia, quando tanto comunistas como capitalistas se recusam a ajudar países com regimes políticos diferentes. Apetecem as palavras de Xaxier Flores: «Portanto, se é verdade que o desarmamento militar permitiria a consagração de somas consideráveis aos países subdesenvolvidos, parece-nos incontestável que este desarmamento deveria ser acompanhado dum outro: o desarmamento político dos dois blocos, a fim de que um dia possa nascer uma política de auxílio corrente, séria, sem sobrelanços, do conjunto do mundo subdesenvolvido. Surgirá, então, verdadeiramente a esperança para estes países e para todos aqueles que desejem um mundo mais humano e menos abatido pelo sofrimento».

Viva a utopia!

NUNO REBOCHIO

SERVIÇOS DE CENSURA (SEDE) CORTADO

Provas enviadas à Censura em

16 de de 1966



SERVIÇOS DE CENSURA

(SÉDE) ~~SECRETADO~~

AQUI, HÁ LIBERDADE

O novo embaixador dos Estados Unidos da América em Lisboa é o senhor William Tapley Bennet Jr. A carreira do ilustre e digno diplomata teve como coroamento o pedido de intervenção dos fuzileiros americanos na república dominicana. S. Ex.^a sentiu-se mal, começou a cheirar o enxofre comunista das janelas da embaixada e implorou regimentos. O presidente Johnson, que também tem um olfacto sensível, mandou-lhes. Depois, o segundo acusou o primeiro de se ter precipitado mas nessa altura S. Domingos já estava cheia de pára-quedistas e guerras civis. A democracia, claro, salvou-se. Tapley ficou conhecido pelo homem dos fuzileiros. Esperemos que aqui a vida lhe corra bem, que S. Ex.^a repouse dos países menos civilizados em que ainda se permite, se tolera ou é simplesmente viável que haja esquerdistas. Aqui não, há quem vele, quem guarde, quem proteja. S. Ex.^a poderá dormir descansado, as sentinelas estão alerta. S. Ex.^a pode mesmo prescindir da linha directa com a Casa Branca e não acordará todos os dias na terrível incerteza sobre se deve ou não chamar os fuzileiros para defender a liberdade. Aqui, afirmemos a S. Ex.^a se ela ainda não sabe, a liberdade está defendida e bem defendida. S. Ex.^a poderá sossegar. Parabéns a S. Ex.^a

VASCO PULIDO VALENTE

108

37

NO TEMPO E O
Provas enviadas à Censura

16 de ... 4 ... de ...
Ref 4



NAVIOS VERDADEIROS E AVIÕES FANTASMAS AO ATAQUE

Enquanto jornalistas se entretêm a descrever a realidade, a realidade vestida e cozinhada à moda do porto ou a outras modas que não vêm para o caso, essa realidade tão terrivelmente metafórica (ou eufórica) das coisas africanas, surgem nos jornais os protestos oficiais aos voos indisciplinados da RAF. A Suécia indigna-se através do seu ilustre vice-cônsul e um venerável lobo de mar, também ele sueco e capitão dum dos navios irritados com a audácia daqueles discólos de aviões, jura pelas suas barbas que a RAF em voos picados lhe ia estragando a mercadoria e os homens. Mas nem tudo está podre no reino do Acácio, a dobrada continua a servir-se eternamente fria mas o protesto surge em nota diplomática, que é como quem diz, veste-se a casaca ao palavrão e envia-se a Sua Graciosa Majestade Isabel II dos ingleses e também dos ingleses da Rodésia. E o Foreign Office responde que foi inadvertência, encolhe os ombros lacônicamente e lê no jornal a vitória dos trabalhistas.

Há portanto pânico no canal de Moçambique. Os navios aterrados não podem fazer nada, o sr. Ian Smith bebe o seu decilitro de gasolina ao pequeno almoço e, como milhares de rodesianos brancos, sente-se com depressão nervosa. Realmente um decilitro é pouco para o estômago rodesiano reduzido a tão lamentável ração. Mas enfim o ultimato lá vai, lá foi; hoje os governos são mais delicados, há outra técnica de tirar os petróleos da púcara. Portanto voe-se à vontade no canal de Moçambique, mas fora de águas territoriais, a pelo menos duzentos (em vez de dois ou três) metros das barbas dos hipotéticos lobos do mar; deixe-se ainda ao sr. Ian Smith adquirir uma bela barba para depois a cortar e imitar o gesto tão glorioso da flor dos castros: D. João de Castro. Os ingleses hão-de, na nossa imaginação, continuar a caçar raposas com cornetas e cães, e nós caçaremos outros bichos parecidos com o bacalhau que vive em toda a parte onde se não enontra. Regozijemos portanto com a revisão de critério britnico, uma pequenina zanga entre amigos até faz redobrar a amizade. E, para concluir com a sabedoria popular, mais vale um petróleo na mão que dois a voar.

MIGUEL CASTRO HENRIQUES

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO



OS SOCIALISTAS DA ABUNDÂNCIA

É extremamente irritante para mim ver-me forçado a escrever sobre as eleições inglesas. Acho que Wilson devia ser deixado em paz com as suas pequenas manobras e sobre ele fazer-se um discreto silêncio. Nada no homem, no partido ou no acontecimento deveria inspirar a mais pequena curiosidade. Porque, enfim, entre Wilson e Heath as diferenças não são largas nem abundantes. O Partido Trabalhista passa por ser socialista e a esse título está filiado na Segunda Internacional, mas entre o que parece e o que é vai considerável distância. O socialista Wilson apoia a política de Johnson no iVietnam, para, diz ele, «conter» a China; mantém a Este de Suez, ou seja, nas margens do Índico, um «exercício que custa 330 milhões de libras por ano; tolera, a bem ou a mal, os exercícios separatistas da supremacia branca de Ian Smith. Wilson é um socialista como eles se querem nestes tempos de abundância e classe média, pró-capitalista, tecnocrático, bem barbeado e bem táctico. Há quem goste. Na frente interna, o seu reinado começou pela decisão popular de restringir a imigração de gente que não tivesse a pele convenientemente branca: *Vote Labour and Keep England White*. Aguentou, depois, a libra com uma política deflacionista, sendo ela feita à custa de quem se calcula. Finalmente — e do mal o menos — aumentou as pensões de viúvos e reformados, introduziu a legislação para deter a exploração das tendas urbanas e instituiu controlos legais para impedir que mais gente ou gente demais vivesse das denominadas «despesas de representação». Nada que fizesse corar Johnson e a sua «grande sociedade», em pequeno a Inglaterra também terá a sua grande disso.

Tudo isto, nós sabemos, dizem os peritos que é a impossibilidade de um socialismo não-pactuante com as estruturas capitalistas, ou melhor, de um socialismo apenas, nas sociedades ditas da abundância. Nas referidas, isto de eleições é negócio complicado que trata de mil subtilidades e rabinhos, como saber se sim ou não se vai desvalorizar a libra, se sim ou não se vai diminuir o orçamento ou como é que vão ser os impostos para o ano, ou como é que se vai empregara força de trabalho para aumentar a produtividade. Se se matam ou não matam vietnamitas, se se oprimem ou não rodesianos e árabes, por própria ou entreposta pessoa, eis os casos típicos do problema bruto e pouco culto. Mas as coisas, em resumo estariam bem, se não continuasse a existir em Inglaterra o sistema de ensino mais discriminatório da Europa, se a dificuldade de crescimento não residisse em larga medida nas despesas militares, se a necessidade de habitação se resolvesse com a limitação das rendas. Os pretos, africanos ou paquistaneses, ficariam sempre fora das ilhas, mas isso, hélas, era lá com eles, quem os manda não ser brancos.

E, no entanto, a esquerda inglesa continua a existir. Porém, sobre ela é feita uma chantagem subtil. Criticar o Partido Trabalhista, informa-se esses desesperados, consiste, em última análise, em jogar para as mãos dos conservadores. Portanto, boca fechada. Apoiar o Partido, por outro lado, é não fazer mais do que a sua obrigação e assim estamos. A pequena maioria que Wilson tem nos Comuns manteve os protestários com juízo e, por isso, se diz que agora o Primeiro-Ministro quer ganhar, mas não quer ganhar por muito. A sua eficácia como actor de televisão dá-lhe, segundo as últimas sondagens, 15 % de vantagem sobre os conservadores, isto é, à roda de 219 votos de maioria no Parlamento. O que talvez leve a eleições internas que bem são precisas.

Os conservadores, por seu lado, além da publicação de um manifesto que os jornais especializados dizem desconexo, anunciaram a sua intenção de iniciar negociações com Smith. O referido desejo é o que principalmente os separa de do trabalhismo como partido. De resto, lá vão andando como podem a tentar promover algumas estrelas de televisão que possam competir com este. É que este, como se queixa uma revista conservadora, roubou-lhes o programa. Na verdade.

Ref 4



PORTUGAL E A RODESIA

Alguns compatriotas nossos (não muitos, mas alguns) têm estranhado a posição do Governo português que presentemente o opõe ao de Sua Majestade britânica. Demasiado agarrados à História, lamentam que alguns periódicos ponham em causa a aliança secular que nos liga àquele país. Desassombadamente, embora com a maior firmeza, retorquimo-lhes: não tem razão!

Aliança pressupõe que haja identidade de desígnios e ideologias. Ora, é fácil constatar, que nem uma nem outra existem entre o Governo cristão de Portugal e o Governo ateu do Reino Unido. Um exemplo apenas provará, segundo creio, que não erro: em Portugal — e quaisquer que sejam as ideias políticas que possamos ter, isso só nos honra — é de uso verificar-se nos momentos em que um grave problema afecta a Nação uma consoladora unanimidade. Salvo o caso de alguns traidores — mas não contava o Épico que entre os portugueses traidores houve algumas vezes — todos, adversários ou não do regime vigente, se uniram como um só homem quando, acima dos Governos, a Pátria perigava. Que vemos suceder em Inglaterra? Basta ler os nossos jornais: há um problema nacional (o da Rodésia) e logo tudo e todos discutem e até a Imprensa se permite violentamente atacar o Governo. Longe de nós a ideia que seja correcta a atitude deste, mas também longe de nós apoiar que impudoramente e para gáudio de estranhos se discuta o que, é nosso princípio e a sabedoria dos séculos o confirma, não ter discussão; a certeza dum governo o modo de sentir de britânicos e lusos. Mas há mais: que imagem nos oferece a Inglaterra de hoje: roubos, assassinatos, nacionalização forçada que impele para a miséria milhares de honestos e rudes trabalhadores, insultos no Parlamento, tornado casa de discussão e não casa de união, partidos, lutas de classes, subdesenvolvimento, racismo, que sei eu de perturbações e anarquias. Serão estes os aliados que a Portugal convém? Quem, que se sinta português, poderá responder afirmativamente?

Saibamos portanto, agir neste caso com a firmeza que o bom-senso e o sagrado respeito pela tradição nos merecem. E busquemos a aliança nos países verdadeiramente irmãos, como as vizinhas Rodsia, Espanha ou União Sul-Africana.

Tenho para mim, que muito teríamos a ganhar se assim procedêsemos. Repare-se, verbo gratia, na Rodésia. Acaso a sábia palavra de Ian Smith se não casa com a brandura dos nossos costumes? Acaso não pratica aquele país uma política multirracial certamente inspirada pelo nosso exemplo e de que só na União Sul-Africana encontramos ecos análogos? Horas antes da redacção desta crónica despretençiosa, quem estas linhas escreveu viu na televisão um documentário sobre a Rodésia: que sabor a Angola! que sabor a Moçambique! Em que meditações nos não lançou aquele negro evoluído, tão evoluído que quase era branco, limpo e aseado a guiar o seu próprio automóvel! Onde há hoje na África dita livre, negros assim? E depois o mesmo sentido da ordem, o mesmo respeito pelos sagrados valores do Cristianismo, a mesma alegria sem espalhafatos, a mesma digna modéstia e blandícia. Não é esse, se os há, um país irmão de Portugal? Porque não enceatar com ele a aliança que desbaratámos com os britânicos?

Uma última palavra: se o soubermos fazer e enquanto tempo for, estamos dando ao mundo mais uma lição. Na liga da fraternidade não compelida, mas brotada do direito natural, os laços do sangue prevalecem sob os da razão, e a coragem na continuidade sob a descontinuidade na falsa coragem. É essa a lição da portugalidade que se nos pede.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

1576

«O TEMPO E O MODO» N.º 37

Provas enviadas à Censura em
25 de 4 de 1966

Ref 4



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

~~O último terrorista~~

«E a tão desejada visita a Angola? Pois parece-me bem deixá-la para o momento em que, dominado ou expulso o último terrorista, ali possamos celebrar o heróico esforço da defesa».

Prof. António de Oliveira Salazar,
13-4-1966.

157

GRÁFICA ANTELMO, LDA.

NOME

TEMPO MODO

N.º **8154 - 1.00**

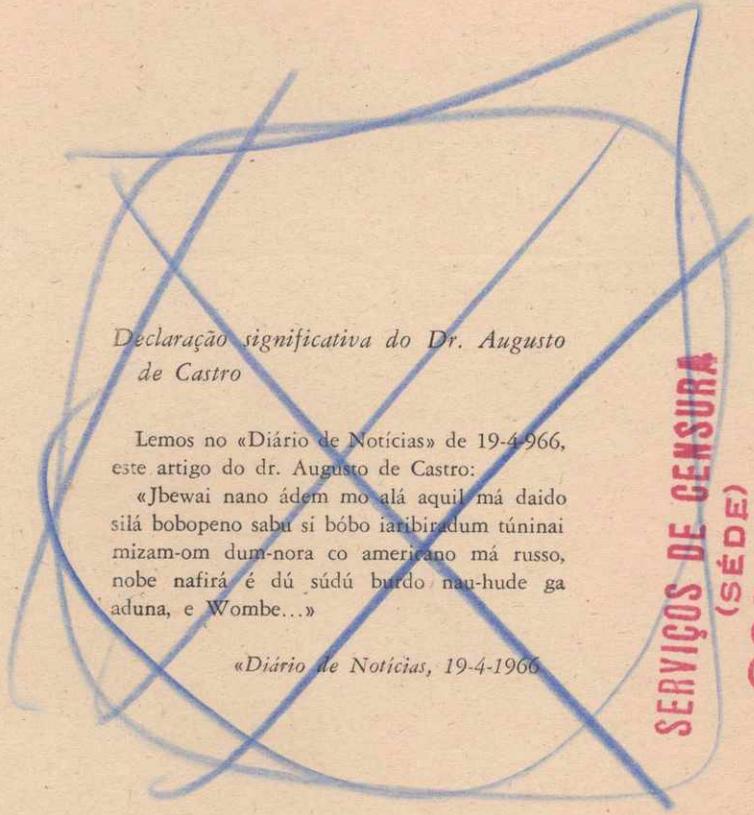
ENVIADAS EM **25 / 4 / 66**

RECEBIDAS EM / /

«O TEMPO E O MODO» N.º 37

Provas enviadas à Censura em

25 de de 196**6**



Declaração significativa do Dr. Augusto de Castro

Lemos no «Diário de Notícias» de 19-4-1966, este artigo do dr. Augusto de Castro:

«Jbewai nano ádem mo alá aquil má daido silá bobopeno sabu si bóbo iatibiradum túninai mizam-om dum-nora co americano má russo, nobe nafirá é dú súdú burdo nau-hude ga aduna, e Wombe...»

«Diário de Notícias, 19-4-1966»

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO